

Discurso do 25 de Abril

Comemoram-se hoje quarenta e dois anos da Revolução de 25 de Abril, esse momento histórico iniciador de um processo que nos devolveu a Liberdade.

Numa simples frase, duas ideias que se torna necessário aprofundar.

Primeira ideia, comemorar. Para nós, portugueses, sobretudo os que viveram o período da ditadura, esta palavra tem um significado quase negativo. Comemorava-se – e ainda hoje se comemora – por dever de ofício, por obrigação social, por imperativos por vezes inconfessáveis.

Não é esse o espírito que aqui nos une. Quem aqui está, bem como a maioria do Povo Português a que pertencemos, dá a esta data um significado muito para além da tradicional comemoração, mais aceite do que participada.

Quem aqui está, e quem está connosco em pensamento, está para reafirmar o empenhamento do Povo Português nos caminhos da Democracia, do desenvolvimento económico e social, do direito à saúde, à educação, ao emprego, e a outros direitos que tão maltratados têm sido nos últimos tempos, e não só neste martirizado País.

Está aqui para dizer bem alto que não se irá vergar resignadamente a imposições vindas de instâncias por vezes nebulosas, que só se tornam claras quando um escândalo rebenta – e ainda assim por pouco tempo, já que, através de hábeis manobras de desinformação, as questões importantes deixam de ser mediáticas, e se vão suavemente desvanecendo.

O nosso povo, o Zé Povinho, com a sua tradicional criatividade e mordacidade, já inventou para essa gente uma expressão e uma sigla: os Donos Disto Tudo, ou os DDT. Marca de génio: o DDT foi aquele inseticida que, se numa primeira fase matou moscas e mosquitos, a bem da saúde pública, deixou depois efeitos tremendos na ecologia do planeta. Ou seja, acabou por ser o contrário de um desenvolvimento sustentado. Insisto: não podia ter sido escolhida melhor imagem!

Segunda ideia, a Revolução. Palavra também usada e abusada, e por isso que tem de ser revisitada.

Se o Movimento das Forças Armadas conduziu as operações que levaram à queda da máquina militar e policial montada ao longo de décadas pelo Estado Novo, foi a participação popular que garantiu o rumo certo que a comunidade portuguesa iria tomar.

Com avanços e recuos, típicos de uma sociedade em transformação acelerada, fruto da negação do exercício da cidadania por mais de quatro décadas (duas gerações!), o processo de integração dos portugueses na sua própria Pátria, na Europa e no Mundo foi seguindo o seu caminho.

Todo esse percurso mostra bem que a Revolução não é obra de um dia, nem obra de uma minoria, e ainda menos de algum iluminado: é obra de muitas vidas e é obra de todos.

Por isso aqui estamos todos!

Na consolidação desse percurso, avulta a aprovação da Constituição, que fez agora quarenta anos. Também isso hoje se comemora. Para qualquer sociedade organizada, a Constituição é base de todo o sistema político, jurídico, económico e social. Foi elaborada, aprovada e promulgada dentro da vivência democrática, que acabou por se tornar entre nós (felizmente!) numa segunda natureza.

Um dia, um célebre DDT (anterior à definição popular) referiu-se ao texto constitucional dizendo que “o País não pode parar por causa de um papel”. Pelo menos foi honesto! O mesmo diria qualquer infrator, contestando o Código Penal ou qualquer outra lei da República.

A Constituição é a expressão mais elevada da vontade dos povos, que nela espelham a sociedade que desejam. Alterar o seu sentido, ou fazer dela letra morta, é renegar todos os princípios em que se fundamenta um Estado de Direito.

Decerto abundam as declarações formais e pomposas de obediência aos preceitos constitucionais; mas, a título de exemplo, quando se infringem as regras de trânsito, não é por renegar o Código de Estrada: é porque se tem pressa, ou porque dá mais jeito...

Estamos aqui portanto empenhados e irmanados na defesa da Constituição e da estrita aplicação dos seus preceitos e princípios: esse é o modo correto de viver em Democracia!

Não poderia deixar de referir um tema que nos últimos dias se tornou escaldante: a corrupção, a níveis nem imaginados pelos simples cidadãos que vivem do produto do seu trabalho. Refiro-me, naturalmente, aos escândalos financeiros que abalaram o Mundo.

Diriam os mais esclarecidos que este espanto seria como ficarmos surpreendidos por um eclipse solar. Pois se os eclipses são previsíveis desde a mais remota antiguidade!

Igualmente, o clima de desregulação e despudor que tem pautado a nossa sociedade só poderia ter esse efeito: o descalabro financeiro, económico, social e moral.

Não tenhamos dúvidas: o maior entrave ao progresso é a corrupção. Enquanto imperar o compadrio, a irresponsabilidade, a ganância, não haverá evolução positiva na nossa sociedade.

Muitos dirão que é uma tendência, ou maldição nacional.

É também por isso que aqui estamos: para dizer basta! Basta de arranjinhos, de tolerância, da defesa de direitos deturpados, de adiar e deixar esquecer as questões essenciais.

Se nos últimos tempos têm surgido sinais positivos de um certo renascer da esperança, isso não nos deve levar a abandonar o empenhamento com que devem ser procuradas as saídas para a crise em que fomos mergulhados.

Se lutámos contra a ditadura, armada com todo o seu aparelho repressivo, contra a inércia e contra o desânimo, esse espírito tem novamente que ser invocado contra o atual estado de coisas.

A Associação 25 de Abril não é uma associação de militares, como tantas que, felizmente, se têm constituído e empenhado na defesa do que entendem ser os seus direitos – e as suas obrigações.

É uma associação cívica, criada para a defesa dos valores instituídos pelo 25 de Abril, e daí o seu nome.

Por outro lado, muitos dos seus associados são militares de Abril; esses que tudo arriscaram, e nada pediram para si mesmos.

É assim que, desde 1976, se declararam defensores da Constituição; não por dever de ofício, mas porque ele representa a vontade popular, legitimamente expressa pelas instituições democraticamente eleitas.

É por isso que podem, sem estados de alma, considerar-se recompensados pela instituição da Democracia, sem lições de civismo a receber de quem quer que seja.

A postura de cidadania plena da Associação, decorrente do respeito pelas instituições que os seus fundadores ajudaram a criar, impede-a naturalmente de interferir nessas instituições, com especial relevância para a Instituição Militar, à qual pertencem muitos dos seus membros, na qual foram formados, e a qual sempre respeitarão.

Por isso aqui estamos:

- Contra a corrupção;
- Pela Constituição;
- Pelo 25 de Abril.
- Pela Liberdade.

Daqui mandamos a nossa mensagem, que tem tanto de simples, como de profunda:

- Viva o 25 de Abril!
- Viva a Democracia!
- Viva a Liberdade!
- Viva Portugal!